



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/editor:</b> Claire Colebrook	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> Sex after Life: Essays on Extinction vol.2	<b>Data da ficha:</b> 2 de Abril 2018
<b>Editora:</b> Open Humanities Press	
<b>Ano:</b> 2015	
<b>ISBN:</b> 1785420127	
<b>Páginas:</b> 266	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Em resposta à presente ameaça de extinção da humanidade (como resultado da deterioração do ambiente), os estudos feministas poderiam dizer “nós avisamos”. Encontramo-nos neste estado em parte porque o “Homem” excluiu e escravizou todos aqueles que são diferentes de si. Ao longo dos tempos, o feminismo tem-se apresentado como promotor de uma lógica alternativa para a organização do mundo. Já Mary Wollstonecraft dizia, no século XVIII, que a lógica de mestre-escravo impedia que o ser humano atingisse o seu potencial. Colebrook mostra-nos que o que o feminismo faz é, na verdade, levar mais longe a auto-crítica humanista. O feminismo é uma forma de “ultra-humanismo” que estipula que o “Homem” só pode conhecer-se a si mesmo reconhecendo a “Mulher”. O eco-feminismo não é apenas mais uma das vertentes do feminismo: as mulheres sempre se bateram por um equilíbrio generalizado, por isso não é surpreendente que haja uma aliança entre as mulheres e outras minorias. O objetivo é atingir o bem-estar global e derrubar o “opressor”. Quando chegamos à era pós-humanista, a luta já não é só pelos direitos das mulheres e outras minorias humanas mas pela harmonia entre todas as criaturas da natureza, às quais são agora atribuídas qualidades humanas: todos os seres vivos constroem os seus próprios “mundos” (ver o termo “Umwelt” de Jacob von Uexküll) e todos os entes naturais são “atores” (ver Bruno Latour e Jane Bennett). O eco-feminismo diz-nos que não podemos mudar a nossa relação com o ambiente sem transformarmos a nossa forma de existir. Mais uma vez, estas ideias não são representadas apenas mais uma vertente do feminismo: o eco-feminismo é o ponto natural onde as ideias do feminismo vão culminar. O problema, para Colebrook, é que, neste panorama,

o Cartesianismo que o feminismo supostamente tenta derrubar meramente reaparece, com outras roupagens, sob a aparência desse organismo planetário a que James Lovelock deu o nome de Gaia. A ideia eco-feminista de que as mulheres estão mais ligadas a um paradigma centrado nas realidades locais e na cooperação é pernicioso porque meramente repete, de outra forma, a redução masculinista do ambiente a uma série de qualidades humanas que nos são familiares. O pós-humanismo feminista continua, desta forma, a mesma linha de pensamento do humanismo tradicional, que sempre se criticou a si próprio. Confrontado com a sua extinção, o ser humano tenta extinguir-se a si mesmo, abraçando a totalidade da natureza. De certa maneira, é verdade de o “homem” finalmente deu lugar à “mulher”. Mas o que é que verdadeiramente mudou? O ser humano sempre esteve entrelaçado com o ambiente e se socorreu dele para se afirmar. O que temos hoje é um “hiper-cartesianismo”. Devíamos estar preocupados não tanto com o modo como vamos sobreviver ou salvar o planeta mas com a forma como vamos gerir a calamidade que já aconteceu. Quanto às categorias de sexo e género, será porventura mais profícuo atender à miríade de diferenças entre indivíduos do que ficarmos presos a um modelo dualista e moralista. Colebrook cita, neste contexto, o exemplo de *The Year of the Flood*, de Margaret Atwood, que descreve a distopia que já estamos a viver. Neste romance, a mulher não aparece como figura de futuro (criatura de superior moralidade que devemos imitar ou entidade “em transformação” que já nada tem que ver com aquilo que somos no presente). As mulheres de Atwood oferecem-nos formas de comunidade e camaradagem para lá das relações reprodutivas e familiares e representações da natureza que realçam a sua irredimível deterioração.

### **1.2. Palavras-chave:**

Sexo; Fim do Mundo; Extinção; Pessimismo; Eco-Feminismo;

Grupo Intersexualidades

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Colebrook, Claire (2015), *Sex after Life*. Open Humanities Press.